



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

GEOVANA MEDEIROS SILVA

TEMPO LIVRE, EDUCAÇÃO E TRABALHO: Olhares de Jovens Aprendizes

Brasília

2023

GEOVANA MEDEIROS SILVA

TEMPO LIVRE, EDUCAÇÃO E TRABALHO: Olhares de Jovens Aprendizes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva.

Brasília

2023

GEOVANA MEDEIROS SILVA

TEMPO LIVRE, EDUCAÇÃO E TRABALHO: Olhares de Jovens Aprendizizes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva
Presidente da Banca Examinadora - Orientadora

Profa. Dra. Caroline Bahniuk
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Daniel Magalhães Goulart
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Benedetta Bisol
Membro da Banca Examinadora

Aos jovens e juventudes que com as suas vivências,
trajetórias e adversidades, lutam por seus futuros.
À minha família e a todos que trilharam essa caminhada comigo.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe, meu pai e meus irmãos, por estarem ao meu lado diante das minhas escolhas. Por permitirem que eu tenha uma educação de qualidade, vivências e aprendizagens concretas. Vocês me inspiram!

Ao João Victor que esteve ao meu lado nos momentos de felicidade, angústia e diversão. Agradeço por segurar minha mão.

Agradeço aos meus companheiros, amigos e professores que atravessaram a minha caminhada pela educação básica, vocês me instigaram a trilhar além do horizonte que podia avistar.

Aos colegas do programa de aprendizagem e estágios que me ensinaram (sobre)viver ao trabalho de forma mais leve, descontraída e ousada.

À querida Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva pelo apoio e sensibilidade. Sua expertise, carinho e atenção acalentam o coração de cada jovem universitário que tem o privilégio de lhe conhecer. A sua graciosidade como ser humano e educadora são fascinantes. Você é incrível!

Às jovens que contribuíram diretamente com a pesquisa, pelas falas sensíveis, disponibilidade, respeito e disposição.

Ao Observatório da Juventude. Colegas como Alane, Caique, Duda e João Pedro me fizeram refletir, analisar e discutir acerca das juventudes. E também ao Conversas de Lugar Nenhum, que me acolheram e desafiaram a todo instante. Obrigada por me tirar da zona de conforto.

À coordenadora do Programa de Aprendizagem onde trabalhei. Agradeço por me auxiliar e acolher no processo de adaptação, e por contribuir diretamente nesta pesquisa.

À Universidade de Brasília que me acolheu, proporcionou ensino, pesquisa e extensão.

Aos professores da graduação, em especial a Profa. Dra. Mônica Azevedo, Prof. Dr. Daniel Goulart, Profa. Dra. Benedetta Bisol e a Profa. Dra. Paula Cobucci, pela dedicação e simplicidade no ato de ensinar.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais
**Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer**
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
**Ah, eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar**
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
Eu não vejo além da fumaça
Que passa e polui o ar
Eu nada sei
Eu não vejo além disso tudo
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
**Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar**

Capitão De Indústria

(Os Paralamas do Sucesso)

- Letra de Djalma Dias

RESUMO

Atualmente, as juventudes urbanas estão cercadas pelo consumo, alienação e preocupações com relação ao futuro. Os jovens, filhos do proletariado, estão tendo que se desdobrar para conciliar tempos de atividades domésticas, estudo e trabalho, isso quando estão matriculados na Educação Básica. Tempo livre de autocondicionamento e fruição são deixadas em segundo plano. Nesse sentido, este estudo dedica-se à compreensão das relações entre trabalho, educação e tempo livre pelos olhares de jovens que vivenciam rotinas e condições típicas dos grandes centros urbanos, em particular, a necessidade de longos deslocamentos em função das atividades de estudo e trabalho. O objetivo é analisar os impactos da ausência de tempo livre para os jovens aprendizes, suas percepções e olhares. Para tanto, optamos pela realização de pesquisa bibliográfica sobre as temáticas discutidas e estudo de campo, elegendo como público, jovens que atuaram no programa de aprendizagem e que realizam grandes deslocamentos como usuários de transporte coletivo. O estudo acerca do tempo livre foi desenvolvido utilizando autores como Frigotto (2005), Aquino; De Oliveira Martins (2007) e Adorno (1995). Adotou-se como referência as contribuições de Kuenzer (1985) para as noções de educação e trabalho, e Nunes; Weller (2014) e Abramo; Venturi; Corrochano (2020) nas pesquisas em juventudes. Após a análise dos dados apresentados no estudo, conclui-se que, apesar da tentativa do programa de aprendizagem na inserção dos jovens no mercado de trabalho, para aqueles com desfavorecimento socioeconômico o programa tem outra finalidade: emergência financeira, indo de encontro com os objetivos do programa. Foi possível identificar estratégias que os jovens utilizam na tentativa da otimização do tempo, almoçar no transporte público e realizar atividades escolares à noite, fazem parte de suas rotinas. Além disso, barreiras como a falta de espaços públicos voltadas ao lazer nas periferias esbarram na possibilidade do quase ausente tempo livre dos jovens periféricos.

Palavras-chave: Jovem Aprendiz; Tempo Livre; Educação e Trabalho; Juventudes; Consumo e alienação.

ABSTRACT

Nowadays, consumerism, alienation, and worries about the future surround urban youth. Young people - children of the proletariat - must work hard to reconcile time for domestic activities, labor, and study if they are in elementary school. Free time for self-conditioning and enjoyment is in the second plan. In this sense, this study aims to understand the relationships between work, education, and free time through the eyes of young people who experience routines and conditions typical of large urban centers, particularly the need for long commutes due to study and work activities. The objective is to analyze the impacts of the absence of free time for young apprentices, their perceptions, and their views. To do so, we use bibliographic research on the themes discussed and field studies, electing as research participants young people who worked in the apprenticeship program and traveled long commutes on public transportation. The investigation of free time uses authors such as Frigotto (2005), Aquino, De Oliveira Martins (2007), and Adorno (1995). We adopted as reference the contributions of Kuenzer (1985) for the notions of work and education, and Nunes; Weller (2014) and Abramo; Venturi; Corrochano (2020) in research on youth. After analyzing the data presented in the study, it concluded despite the apprenticeship program's attempt to insert young people into the labor market, for those with socioeconomic disadvantage, the program has another purpose: financial emergency, going against the program's objectives. It was possible to identify strategies that young people use to optimize their time: having lunch on public transportation and doing school activities at night are part of their routine. In addition, barriers such as the lack of public spaces for leisure in the suburbs harm possibility of enjoying free time for young people.

Keywords: Young Apprentice; Free Time; Education and Work; Youth; Consumption and alienation.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Meu primeiro aniversário, lambuzada de bolo.

Figura 2: Ida dos Jovens Aprendizes ao Hemocentro.

Figura 3: Um grande marco! Minha foto no mural da escola. O título diz tudo: "Aprovados na UnB".

Figura 4: Imagem do quadro Operários de Tarsila do Amaral (1928).

Figura 5: Número total de jovens de 15 a 29 anos e percentual por faixas etárias, segundo as Regiões Administrativas do Distrito Federal, 2018.

LISTA DE SIGLAS

CIEE. Centro de Integração Empresa-Escola

DF. Distrito Federal

GO. Goiás

ENEM. Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PAS. Programa de Avaliação Seriada

RENAPSI. Rede Nacional de Aprendizagem, Promoção Social e Integração

UnB. Universidade de Brasília

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| RESUMO..... | 6 |
| ABSTRACT..... | 7 |
| LISTA DE IMAGENS..... | 8 |
| LISTA DE SIGLAS..... | 9 |
| MEMORIAL..... | 11 |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 18 |
| 1.1 Abordagem Teórico-Metodológica..... | 20 |
| 2. TEMPO LIVRE..... | 22 |
| 2.1 Tempo livre, lazer e consumo..... | 25 |
| 3. (DES)ENCONTROS ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO..... | 28 |
| 4. JUVENTUDES..... | 35 |
| 5. JOVEM APRENDIZ, UMA PARTE DA HISTÓRIA..... | 39 |
| 6. OLHARES DOS JOVENS: ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS..... | 43 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 50 |
| 8. REFERÊNCIAS..... | 53 |
| APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada..... | 56 |
| APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 57 |
| APÊNDICE C – Formulário e qualificação..... | 58 |

MEMORIAL

Essa sou eu! Ou uma parte de mim.

Ninguém escapa da educação.

Brandão (2017)

Estive pensando em como escrever o meu memorial, algo que se trata de mim e sobre mim. Como descrever os meus anos de vida, a minha passagem pela escolarização regular, pelo mercado de trabalho e sem deixar de lado meus momentos íntimos e familiares. Enfim, esta sou eu. Geovana Medeiros Silva, nascida no ano de 2001, no Gama, Região Administrativa do Distrito Federal. Resultado da mistura da região Nordeste com o Centro-oeste.

Sejam bem-vindos! Apresentarei uma parte da minha história. Começo com uma imagem memorável, meu primeiro aniversário. Apesar dos poucos resquícios de memória desse dia, afinal, estava fazendo apenas um ano de idade, guardo essa lembrança com carinho.

Figura 1: Meu primeiro aniversário, lambuzada de bolo.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Antes mesmo do vínculo com escola regular, tive contato com a educação. Filha de pedagogo, cresci ouvindo que a educação poderia transformar a minha vida. As cobranças com os estudos eram constantes, mas, até certo ponto, necessárias. Ingressei em uma escola particular com dois anos de idade,

matriculada no antigo maternal, não me comunicava pela fala. Tive dificuldade com a socialização, não conversava com meus pares e nem relatava acontecimentos quando me perguntavam. Minha mãe foi chamada na escola diversas vezes por tal motivo.

Com o passar dos anos, isso foi melhorando e hoje tenho grandes amizades que fiz na escola e que permanecem em minha vida. Aos quatro anos de idade, fui transferida para a escola pública e permaneci no ensino público até o momento, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Apesar dos desafios, ingressei no Ensino Médio em 2016 e finalizei no ano de 2018.

Quando comecei a escrever, logo pensei o quão trabalhoso seria capturar memórias entre os anos de 2018 e 2019. Período marcante na minha vida. Penso neste ano em específico pois foi a partir de acontecimentos ocorridos nesse lapso temporal que deram início à questionamentos debatidos neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Minhas vivências em diferentes contextos durante o Ensino Médio me fizeram refletir sobre a divisão dos tempos e as atividades que realizava durante meu tempo livre. A inquietação acerca do futuro influenciou de forma direta nas minhas escolhas para novas ocupações e estudos.

Durante minha trajetória escolar, pude conviver com excelentes profissionais da educação. Filha, sobrinha e prima de professores das mais diversas áreas, à docência rodeava meu cotidiano. A paixão pela educação foi crescendo, das brincadeiras que denominamos de "escolinha" até a experiência como monitora e representante de turma, me auxiliaram na escolha pela pedagogia.

Fiz a escolha da minha graduação ainda no Ensino Fundamental, mas como a maioria dos jovens, "atirei" para todos os lados. E um dos alvos foi a língua estrangeira, fiz curso de idiomas durante boa parte do meu Ensino Fundamental. No decorrer do Ensino Médio, diversas atividades faziam parte da minha grade, pois questionamentos e expectativas sobre o futuro me rodeavam.

Imaginava que quanto mais cursos e atividades, mais chances de sucesso teria. Na minha concepção, ter sucesso era no sentido de estabilidade financeira,

ser graduada, fazer pós-graduação e afins. O peso da preocupação com a vida adulta pairava sobre meus pensamentos.

No primeiro ano do Ensino Médio fiz alguns cursos, como assistente administrativo, operador de microcomputador, auxiliar de recursos humanos. Enfim, cursos que eu considerava básicos para o ingresso no mercado de trabalho. Já no segundo ano, busquei programas relacionados à empregabilidade de jovens e fui inserida no Programa de Aprendizagem como Jovem Aprendiz no fórum da minha cidade. Para mim, não bastava ter o currículo recheado de curso, deveria ter alguma experiência profissional.

Considero que foi um momento importante para a minha vida pessoal e profissional. O convívio com outros jovens que estavam passando por momentos parecidos como os meus, despertava um sentimento de acolhimento. Guardo com carinho as lembranças e os momentos que passei com essa turminha. Cada período escolar trouxe consigo valiosas lições. Aprendi que o estudo é uma jornada contínua, e que a busca pelo conhecimento não deve se limitar às salas de aula, mas estender-se para além dos muros da escola.

Relembro aqui uma das atividades realizadas, quando os coordenadores e a pedagoga responsável pelo curso ofertado no Programa de Aprendizagem levaram os jovens aprendizes para conhecer o Hemocentro e realizar doação de sangue, caso tivesse os requisitos exigidos para a doação e autorização dos responsáveis. Foi a minha segunda doação de sangue, sigo como doadora. Lembro que a pedagoga relatava sobre a importância de se humanizar esses momentos com os jovens.

Figura 2: Ida dos Jovens Aprendizes ao Hemocentro.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Para finalizar a minha passagem pelo ensino regular, no terceiro ano me dediquei exclusivamente para os vestibulares. Fiz cursinho popular do contraturno da escola, me preparava para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Programa de Avaliação Seriada (PAS/UnB) e vestibulares tanto de faculdades públicas quanto particulares. Mas meu foco era no PAS. Tinha uma rotina exaustiva, saía de casa às 6:40 e voltava em torno das 19:00. Avistava a claridade do dia pela janela das salas de aula e durante os intervalos.

Era uma trajetória solitária, mas compartilhei alguns desses momentos com colegas, tornando-os menos exaustivos. Apesar de ter um enorme ponto de interrogação no meu futuro, minha família sempre priorizou o meu ingresso na Universidade de Brasília (UnB). Tive total apoio e cobrança.

Em janeiro de 2019, o resultado saiu. Pesquisei meu nome e lá estava. Aprovada! Sai do meu quarto em prantos. Não conseguia verbalizar o que havia acontecido. Minha mãe assustada tentava me acalmar. Foi uma explosão de sentimentos sem igual. Um peso das costas foi retirado. E agora? Estou em uma das melhores universidades do país. Que responsabilidade!

Figura 3. Um grande marco! Minha foto no mural da escola. O título diz tudo: "Aprovados na UnB".



Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Há momentos que relembro da alegria e entusiasmo que senti ao conferir o meu nome na lista de aprovados da UnB. Finalmente tinha passado na graduação após longos anos de estudos. Lembro-me de não conter as lágrimas de alívio, de esperança em um futuro melhor.

Passei no ano de 2019, então tive a excelente oportunidade de ter aulas presenciais. Pisar no chão da universidade, atravessar os corredores da Faculdade de Educação (FE) ou me perder no Instituto Central de Ciências (ICC) foram experiências inesquecíveis. Posso dizer que pegar seis ônibus por dia não é uma tarefa fácil. Ter o calor e sentir a emoção dos meus colegas e professores, me dava gás para querer finalizar o curso com êxito.

Em 2020.1, quando estava no terceiro semestre, veio a triste notícia. A pandemia chegou! Tudo parou, as escolas, academias, shopping e os hospitais estavam em caos. O medo se instaurou, vidas foram perdidas a cada segundo. E o seguinte questionamento veio à tona: Como será no futuro? Hoje tenho mais esperança, estou imunizada! A vacina trouxe alegrias. As perspectivas de um futuro sem máscaras e com abraços, me alegram ao recordar dos momentos que tive com meus amigos, professores e familiares.

É interessante falar sobre o ensino remoto, algo que não escolhemos, mas que vivemos. Os docentes e discentes não fugiram, mas se acolheram. Reconfiguram as aulas, novas palavras entraram no nosso vocabulário, entre abraços virtuais, aulas síncronas, assíncronas, máscaras e álcool em gel. Passamos pela pandemia e nos preparamos para o retorno presencial, com muito álcool em gel e máscaras. Em janeiro de 2022 veio o grito: “Estamos juntos outra vez!”.

Apesar da pandemia do COVID-19, pude me reinventar e me desenvolver enquanto pedagoga e pesquisadora. Nesse período estava estagiando presencialmente, com a urgência do distanciamento social, tive que realizar o estágio e a graduação de forma remota. Com isso, reinventar novas metodologias, desenvolver habilidades e competências para a aprendizagem, foram alguns dos aspectos dificultadores enfrentados pelos discentes. Agora, chegando à conclusão do curso, observo a minha caminhada pela graduação. Tive a oportunidade de viver a Universidade.

Fui monitora nas disciplinas de Psicologia da Educação (2020.1 e 2021.1), Processos de Alfabetização e Letramento (2020.2) e atuei em atividade voluntária no ano de 2021. No voluntariado trabalhei como mentora de estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, com participação nacional. Durante esse período, acompanhei o desenvolvimento escolar de duas adolescentes, uma da região

sudeste e outra da região nordeste, em estado de vulnerabilidade econômica, com o objetivo de diminuir o impacto do ensino remoto advindo do contexto pandêmico.

Ao longo dos anos de 2020 e 2021, atuei como estagiária em atividades de prática pedagógica na Educação Infantil, com crianças entre quatro e cinco anos. No ano de 2022, aprofundei meus estudos com relação ao Transtorno do Espectro Autista e atuei como estagiária em turma do segundo ano do ensino fundamental, em uma instituição particular.

Percebe-se que ao longo deste tempo, durante parte do Ensino Médio e da graduação, estive vinculada aos tempos das atividades de estudo, de trabalho e tempo livre, com colegas, família e amigos. Esse foi um dos pontos de partida para a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), minha vivência pessoal e observação da rotina dos meus pares.

Uma das disciplinas da graduação me fez refletir de forma mais aprofundada acerca da minha trajetória no mundo do trabalho. Cursei ao longo do segundo semestre de 2022, o componente curricular Educação e Trabalho, na qual a Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva propôs que fosse apresentado o trabalho final para conclusão da disciplina. No percurso da escolha da temática que iria utilizar, relembrei alguns tópicos estudados e optei por debruçar-me a respeito do tempo ócio.

Após cursar a disciplina de Educação e trabalho, nutri o interesse pela área de estudo e enxerguei o TCC como uma oportunidade única para aprofundar meus conhecimentos acerca do tempo livre, educação e trabalho. O processo de desenvolvimento do TCC foi desafiador, mas ao mesmo tempo gratificante, pois me permitiu explorar aspectos essenciais da pesquisa acadêmica.

Como síntese do estudo, trago o seguinte texto autoral que dediquei com carinho a minha querida orientadora Profa. Dra. Caetana Silva:

EU QUERO DESCANSAR!

Tensões precisam resolver

Nos primórdios

Sem abster

Humano é trabalho

Tudo é semelhante

Primitivo, escravo,

Trazendo dor angustiante

Hoje, um quebra-galho

Do chefe ao funcionário

Segunda natureza

Uma heterogestão

Está dentro de nós

Juntos fazendo um trabalho

Fazemos sem pensar

Em busca da produção

e no fim

Pelo trabalho prescrito

nosso algoz

A excelência se espera

Por interesses individuais

Mas na real

Estamos a trabalhar

Nada é igual

Para sobreviver

O lado humano impera

Onde direitos não há

Me deixa exausto

Afinal

Não posso largar

Direitos universais

Nem deixar de mão

Para quem está

Por que no fundo

A nos explorar

Trabalho é o que resta

Então

Sempre negociando

Mero tempo de descanso

Geovana Medeiros Silva (2022)

Vocês devem estar achando que minha jornada parou por aqui. Mas estou apenas começando. Não diria que irei encarar novos desafios, mas uma nova jornada, e os desafios fazem parte dela. Trabalho voluntário, estágios e muito estudo com certeza fizeram parte da minha formação. Agora seguirei novos caminhos. É claro que tive momentos marcantes que escolhi ocultar. Afinal... Essa sou eu! Ou uma parte de mim.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, ter tempo de “fazer nada” não faz parte do cotidiano da população (ADORNO, 1995). O tempo livre é o tempo de desenvolvimento para além do mundo do trabalho (FRIGOTTO, 2005), assim, atribuir o tempo livre à procrastinação não faz jus ao seu significado. Com o advento da Revolução Industrial, os trabalhadores tiveram o tempo fragmentado entre tempo de descanso e trabalho. Esse momento de não trabalho necessita ser almejado, principalmente pelo proletariado.

O lazer seria uma das possibilidades de fruição desse tempo. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no artigo 6º, prevê o lazer como um direito social, ou seja, é uma atividade garantida pela legislação. Porém, apesar de ser dever do Estado, o lazer é observado como mercadoria, dificultando o acesso gratuito a esses espaços (ADORNO, 1995). Mesmo sendo um direito, a população tende a não acessar o lazer e compreender o tempo livre como possibilidade de desenvolvimento pessoal.

No atual cenário socioeconômico, caracterizado por constantes mudanças e desafios, as questões de tempo livre, educação e trabalho tornaram-se mais relevantes e complexas, sobretudo, quando analisadas sob a ótica dos jovens aprendizes. Essa fase da vida, e falo também por experiência pessoal, é envolvida por diversos questionamentos. As indagações sobre o futuro profissional e acadêmico permeiam o cotidiano dos jovens. Analisar como o sujeito percebe e vivencia esses tempos é fundamental para a compreensão da realidade em que vivemos e direcionamento de nossos posicionamentos educativos.

A inserção dos jovens no mercado de trabalho, segundo o Manual da Aprendizagem (2009), é um processo essencial para o desenvolvimento de capacidades e competências. De acordo com essa orientação, o Programa deve proporcionar a oportunidade de conhecer o mundo do trabalho e adquirir experiência prática. Mas essa inclusão também traz desafios e demandas. Os jovens, com desfavorecimento socioeconômico, necessitam conciliar as necessidades do trabalho com a continuidade dos estudos e o aproveitamento do tempo livre.

Tendo essas questões em mente, pretendeu-se analisar as percepções, desafios, dificuldades e expectativas dos jovens diante desta tríade e perceber como ocorre a tentativa de equilibrar estes três aspectos fundamentais da vida. Para tanto, foi realizada pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas e análise das falas com base no referencial teórico.

O jovem do Ensino Médio tende a lidar com questões futuras, responsabilidades advindas da entrada na vida adulta, familiar, mercado de trabalho e Ensino Superior (NUNES; WELLER, 2014). A análise dos dados recolhidos permite identificar esses aspectos, indicando algumas das principais convergências e divergências entre as percepções dos jovens acerca do tempo livre e as estratégias que utilizam para conciliar as suas atividades e responsabilidades.

Compreender as perspectivas dos jovens sobre tempo livre, educação e trabalho poderá auxiliar para uma reflexão mais ampla sobre impactos da ausência ou presença do tempo livre. Podendo contribuir com subsídios para as políticas públicas e para o repensar de práticas educativas que envolvam os jovens, levando em consideração suas necessidades e aspirações.

No desenvolvimento das investigações, ao discutir a importância do tempo livre e os desafios da educação e do trabalho, foi dada especial atenção para o estudo de campo. A escolha de jovens que participaram do Programa de Aprendizagem durante o Ensino Médio e que utilizavam o transporte público como principal meio de deslocamento, tendo pouco ou nenhum tempo livre, teve como intuito identificar os olhares desses jovens aprendizes acerca do tempo livre em seu cotidiano. Ou seja, identificar situações e condições em que a presença e ausência desse tempo impactam no desenvolvimento pessoal.

Mesmo com foco no cotidiano dos jovens aprendizes, o estudo busca enfatizar que “a situação de combinação entre estudo e trabalho é bastante presente na vida dos jovens das camadas populares, e que ela pode ocorrer em diferentes momentos de suas trajetórias.” (ABRAMO; VENTURI; CORROCHANO, 2020: 539).

1.1 Abordagem Teórico-Methodológica

O presente estudo se configura como uma pesquisa de caráter qualitativo voltada à compreensão das relações entre trabalho, educação e tempo livre pelos olhares de jovens do Distrito Federal e entorno, que vivenciam rotinas e condições típicas dos grandes centros urbanos, em particular, a necessidade de longos deslocamentos em função das atividades de estudo e trabalho.

De forma específica, buscou-se analisar a relação entre educação e trabalho e os impactos da ausência e/ou presença de tempo livre para os jovens aprendizes. Para tanto, optamos pela realização de pesquisa bibliográfica sobre as temáticas discutidas e estudo de campo, elegendo como público, jovens que atuaram no Programa de Aprendizagem.

Para análise da noção de tempo livre, adotou-se como referência as contribuições de autores como Frigotto (2005), Aquino; De Oliveira Martins (2007) e Adorno (1995). Desse aporte, a pesquisa se apropria, em especial, da conceituação de tempo livre no sentido de liberdade de escolha. Dessa forma, enfatizo que o tempo livre, tratado nessa pesquisa, é compreendido como “[...] tempo de escolha verdadeiramente criativo e, portanto, genuinamente humano.” (FRIGOTTO, 2005: 02).

Na análise das relações entre educação e trabalho, lanço mão das contribuições de Kuenzer (1985). Buscando revelar as nuances das metamorfoses ao longo da história, seus encontros e desencontros. Utilizo, sobretudo, o livro *Pedagogia da Fábrica* (KUENZER, 1985) e as discussões acerca dos processos educativos em torno das propostas capitalistas de produção (KUENZER, 1985).

São utilizadas as contribuições das autoras Nunes; Weller (2014) e Abramo; Venturi; Corrochano (2020) nas pesquisas em juventudes. As autoras discutem as juventudes no contexto social, sociologia da juventude, narrativas juvenis, os deslocamentos entre a escola, o trabalho e as convivências sociais no cotidiano dos jovens. Na definição de juventude, faz necessário, também, expor a faixa etária que caracteriza os jovens, pessoas entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade, considerando o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852/ 2013.

No estudo de campo foram realizadas entrevistas de caráter semiestruturado, sendo respeitada a autonomia dos sujeitos entrevistados, com a consideração dos aspectos éticos explicitados no termo de consentimento livre e esclarecido (ver apêndice B). Os critérios de seleção foram de jovens que atuaram no programa de aprendizagem, vivenciam desfavorecimentos socioeconômicos, questões de deslocamento e pouco tempo livre.

O critério de participação em programa de aprendizagem foi adotado em função da Lei de Aprendizagem trazer o trabalho como possibilidade para, principalmente, os jovens das periferias das grandes cidades. Por se tratar de um programa com atuação, em sua maioria, de jovens desfavorecidos socioeconomicamente. A utilização de grandes deslocamentos como usuários de transporte coletivo, que se acentua no Distrito Federal e seu entorno, foi um critério adotado por considerar a perda do pouco ou inexistente tempo livre.

Para a análise posterior, as entrevistas foram gravadas em áudio, com a autorização das entrevistadas, e realizadas anotações de impressões e detalhes observados pela pesquisadora ao longo da entrevista. Os áudios foram ouvidos diversas vezes para a identificação de tópicos com maior relevância e ênfase nas falas. Após isso, foram desenvolvidas as comparações dos achados em relação ao referencial adotado.

O presente texto está estruturado em cinco partes. As três primeiras são discussões acerca dos conceitos de tempo livre; relação entre educação e trabalho; e juventudes. Na quarta parte, são apresentadas as jovens entrevistadas, analisadas as falas e impressões, e comparados os achados em relação ao referencial adotado. E por último, temos as considerações finais.

2. TEMPO LIVRE

Nem em seu trabalho, nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade.

Theodor W. Adorno (1995)

A divisão entre tempo livre, tempo de estudo e trabalho é uma realidade atual, o que não significa que haja efetivamente tempo para cada uma dessas vivências no cotidiano social. Essa divisão em tempos foi demarcada de forma rígida durante o período da Revolução Industrial. Os tempos de trabalho, descanso e almoço, por exemplo, eram cronometrados. De acordo com Aquino; De Oliveira Martins (2007: 485),

[...] com o surgimento do chamado tempo livre, que representa uma conquista da classe operária frente à exploração do capital, é que foi evidenciado, ocorrendo a nítida separação entre tempo-espaco de trabalho (produção) e lazer (atividades contrárias ao trabalho) enquanto tempo para atividades que se voltam para a reposição física e mental.

Criada pelo ser humano, a ideia de tempo é passada de geração em geração. Desde a medição temporal com a utilização da posição dos astros, até os calendários e relógios mais sofisticados. O tempo que conhecemos é dividido em segundos, minutos, horas, dias e assim por diante. Aquino; De Oliveira Martins (2007: 481) discutem que

o fator temporal passa por metamorfoses significativas, iniciadas no momento em que o homem resolve medir o tempo cotidiano e quantificar o tempo social na sociedade industrial, chegando à comercialização do próprio tempo, que se torna uma mercadoria e passa a ter valor econômico.

Faria; Ramos (2014: 53) explicam que, no modo de produção capitalista, “o tempo livre passa a ser [...] aquele compreendido para além do tempo de trabalho necessário e de mais-trabalho, aquele que não compõe a jornada, diferentemente do modo simples de produção, em que todo tempo além do necessário era tempo livre.”

Nas possibilidades de tempo livre da sociedade capitalista, o consumo é predominante e ator principal, influenciando a administração do tempo de não-trabalho. Em um plano utópico e não capitalista, o tempo livre é pensado como espaço autônomo e autocondicionante, porém, na sociedade capitalista, esse é um tempo controlado, limitado e capturado pelo consumo.

Questiona-se quais são as possibilidades de se usufruir desse tempo com qualidade. Adorno (1995) destaca que é necessário aprender a viver o tempo livre, rompendo com a lógica capitalista entrelaçada nos cotidianos escolares. Conforme Aquino; De Oliveira Martins (2007: 481),

[...] todo processo de educação/formação/orientação da sociedade moderna gerou os valores da atual sociedade do consumo, não contempla a orientação para ser/existir no sistema do consumo, assim, não se desassocia e a escola não atua na direção da emancipação. Ela não ensina como viver o tempo livre, ao contrário, reproduz os processos do trabalho.

Nesse sentido, é possível pensar que o tempo livre, aqui estudado, se direciona ao autocondicionamento, à liberdade. As atividades livres, então, correspondem a um comportamento pautado pela liberdade, quando são realizadas como fim em si mesmas, e não mais motivadas por necessidades compensatórias. Em outras palavras, quanto mais liberado é o tempo da necessidade de compensação, mais livre ele será (MUNNÉ; CODINA, 2002).

A rotina do trabalho esgota. O tempo livre, nesse contexto, é tido como escape da fadiga da produção. Ele é visto como tempo de recarga para mais um dia de labuta. Adorno (1995) afirma que para o trabalhador exausto, o tempo livre, para ser bem aproveitado, não deve lembrar em nada o trabalho. Para manter esse distanciamento do tempo de trabalho, vale mesmo, segundo o autor, que o tempo de não trabalho seja utilizado com atividades absolutamente sem sentido como determinados *hobbies*.

Os jovens urbanos vivenciam momentos tumultuados, são redes sociais, escola, trabalho e tempo livre girando em torno do consumo. Diria que sobrevivem a estrutura capitalista avassaladora de tempos. Aquino; De Oliveira Martins (2007: 481) discutem que

a maior ou a menor variação desse tempo na vida dos indivíduos organiza-se e estrutura-se de acordo com padrões assimilados sobre como se deve dispor o tempo para as diversas atividades, além de como o sujeito valora o sentido do tempo cotidiano para si. Desta maneira, as diferentes formas de sentir, pensar, agir e estabelecer o tempo seguem padrões culturais que se refletem na ação do sujeito.

O tempo passa para todos, mas de diferentes modos. Atribuimos sentidos diferentes ao tempo de não trabalho. É necessário discutir o tempo livre na tentativa de desarticulá-lo do consumo, compreendendo-o na perspectiva do autocondicionamento e livre escolha. Aquino; De Oliveira Martins (2007: 490) relatam que “o tempo livre surge da liberação de parcelas de tempo do trabalho, quando poderiam ser desenvolvidas atividades relacionadas à sobrevivência física e social do indivíduo, mas, ainda assim, atreladas à noção do trabalho.”

Na sociedade globalizada, o tempo livre é tido como apêndice do trabalho a partir do momento em que o consumo se faz presente (ADORNO, 1995). Momentos de consumo podem ser confundidos como momentos de lazer e fruição. Momentos familiares e de afeições são elementos constituintes do tempo livre, mas a utilização de meios para consumo acaba esbarrando na alienação. Desmontando, assim, o sentido humanizador do tempo livre.

As redes sociais também são tempo de consumo, mesmo que tenham sido criadas com o intuito de compartilhamento de informações, imagens e vídeos com amigos, familiares e pessoas próximas. Com o aumento do consumo, a quantidade de seguidores se torna cada vez mais importante para seus usuários. O que antes era compartilhamento de momentos, agora passa para a corrida inesgotável por *likes*. Assim,

[...] o espaço virtual, cuja lógica subordinada ao capital fixa novas formas de consumo na sociedade contemporânea, criando uma cultura de consumo permeada pelo impossível, pela inverdade, pelo “*fake model*” e que de uma certa forma torna-se produto de cultura de massa, bem como objeto de desejo (BRUNELLI; AMARAL; SILVA, 2019: 02).

Utilizar as redes sociais durante boa parte do tempo livre pode levar a diferentes experiências e impactos aos jovens. Embora as redes sociais possam

fornecer um meio de conexão e compartilhamento de informações, é importante estar ciente dos possíveis efeitos, como a alienação e consumo exacerbado.

2.1 Tempo livre, lazer e consumo

Tempo é dinheiro. Tal expressão popular, dita pelo físico Benjamin Franklin¹, relembra as formas que utilizamos os tempos e como o capitalismo traz o sentido de consumo em tempo integral. A sociedade contemporânea se insere em um conglomerado de consumo. A discussão sobre tempo livre e alienação vem se remoldando, principalmente durante a globalização mundial, no qual as tecnologias digitais e comunicação foram reestruturadas. De acordo com Aquino; De Oliveira Martins (2007: 482),

o tempo livre deveria ser um tempo máximo de autocondicionamento e mínimo de heterocondicionamento, isto é, ser constituído por aquele aspecto do tempo social, em que o homem conduz com menor ou maior grau de nitidez a sua vida pessoal e social. No entanto, neste tempo que poderia ser um tempo voltado para o ócio mais verdadeiro, o consumismo termina por deteriorá-lo, mercantilizá-lo, coisificando-o e empobrecendo-o de significados.

Tempo livre não é sinônimo de desimpedimento. Em outras palavras, ter tempo livre na rotina não significa tempo para novas ocupações. Frigotto (2005: 08) enfatiza que “[...] a ciência é a técnica que tem a virtualidade de produzir uma melhor qualidade de vida, de ocupar os seres humanos por menos tempo nas tarefas de produzir para a sobrevivência e libertá-los para o tempo livre [...]”. Porém, observa-se a contradição da criação tecnológica digital para ganho de tempo livre e a sua utilização nesse tempo. Marcellino (1998) destaca esses fatores sobre a alienação que advém dos progressos tecnológicos,

essa mitificação do trabalho, na sua identificação com a essência humana, longe de poder ser questionada apenas com ideias, parece estar, progressivamente, sendo contestada pela realidade empiricamente observada. Aos progressos e riscos dos avanços tecnológicos são somados os da automação. Pode-se argumentar

¹ Dedicado à ciência, o físico Benjamin Franklin popularizou a frase “Tempo é dinheiro” (Time is money). Essa frase faz parte do texto “Advice to a Young Tradesman”, traduzindo – Conselhos a um jovem comerciante, dedicado aos jovens estadunidenses.

que essa realidade é própria de países de características bem distantes das nossas. Mas a rapidez na difusão da automação faz pensar que esses elementos não estão assim tão distantes quanto possa parecer.

Com o ganho de tempo pelo uso da tecnologia, houve a criação de novos afazeres que passaram a ocupar o tempo disponível, chocando-se com o objetivo de liberdade e tempo de fruição. Aquino; De Oliveira Martins (2007: 481) defendem que “neste espaço, surge a pressa como um fenômeno típico da atualidade e como mola mestra para os avanços tecnológicos que fabricam equipamentos para se poder ganhar mais tempo.” Tempo esse que, na sociedade globalizada, tem como pré-requisito a corrida inesgotável e espaços temporais ocupados por atividades.

O consumo está tão imbricado na sociedade atual que é tomado como natural. A própria noção de liberdade tem sido associada ao consumo, livre para consumir, mesmo que muitas vezes tal liberdade signifique o endividamento. A noção de liberdade é capturada nas engrenagens para obtenção de lucro. Nesse cenário, o tempo livre e o lazer, são comercializados (ADORNO, 1995).

O tempo livre do trabalhador está expresso na disponibilidade de desencontro com o laboral. Como visto anteriormente, a exaustão pós trabalho direciona os sujeitos aos lazers orientados ao consumo. O tempo livre deve ser livre. Livre para ser utilizado da forma que o sujeito se sente desobrigado.

Enfatiza-se novamente a relação entre tempo livre e lazer. As escolhas de lazer e utilização do tempo livre estão diretamente ligadas aos poderes socioeconômicos. Com o advento da pandemia², a escassez de possibilidades de lazer em cidades economicamente menos favorecidas foram notáveis.

De acordo com pesquisas realizadas pela Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, em 2020, indicam mudanças na rotina dos jovens durante a pandemia. A pesquisa enfatiza que

durante a pandemia, 48,7% dos adolescentes do país têm sentido preocupação, nervosismo ou mau humor, na maioria das vezes ou

² A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma doença causada por um novo coronavírus (COVID-19), denominado SARS-CoV-2. A doença foi identificada pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. O vírus se espalhou rapidamente, resultando em uma pandemia global e muitas vítimas.

sempre. [...] Setenta por cento dos brasileiros de 16 a 17 anos passaram a ficar mais de 4 horas por dia em frente ao computador, tablet ou celular, além do tempo das aulas online.

Desse modo, as redes sociais corroboram para o consumo durante o tempo livre. Postagens sobre o fim de semana se tornam quase obrigatórias. É legítimo exibir ao público das redes que o tempo livre está sendo utilizado para a diversão e alegria. Mas essa diversão, em diversos momentos, se limita ao uso de mecanismos capitalistas.

Apesar de momentos afetivos também fazerem parte de uma parcela do tempo livre dos jovens, a utilização das redes sociais durante os momentos cotidianos está crescente. Conforme Soares (2019: 608), “[...] o interesse do capital é ver prolongada a sua esfera de reprodução não apenas pelo produto, mas pelo “protagonismo” dos consumidores.”

Para o autor, o protagonismo do público é um ponto crucial no momento de amarração, ou seja, a quantidade de seguidores e *likes* auxiliam na quantidade de acessos.

A ideologia da sociedade do trabalho intensificado só tem sentido se for amalgamada por um consumo igualmente intensificado. O que temos assistido, na verdade, é o coroamento do consumo e a busca frenética por um tipo de lazer que se baseia única e exclusivamente no valor de troca (SOARES, 2019: 608).

O tempo livre é simples, mas não é simplista. Tem diversas nuances que atravessam esse tempo tão procurado pela maioria dos trabalhadores. Ter agendas lotadas e sem lacunas para ser e pensar novas atitudes não é saudável. Dessa forma, é relevante destacar a importância do tempo livre como princípio humanizador.

É durante esse período que as potencialidades subjetivas são desenvolvidas. Um almoço familiar, piquenique com os amigos, caminhar ou ir ao parque são atividades que auxiliam no descanso mental e corporal, até mesmo na circulação de ideias. Não é necessário que o tempo livre seja longas horas, pequenos tempos de descanso fazem a diferença no cotidiano. É tempo de se apropriar de si mesmo.

3. (DES)ENCONTROS ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO

Não existe atividade humana na qual se possa excluir toda e qualquer atividade intelectual.

KUENZER (1985)

Para avançar na discussão, é preciso refletir acerca das relações entre trabalho e educação. Compreende-se que tanto o trabalho quanto a educação são mutáveis, ou seja, de acordo com o período histórico e o contexto social ocorrem mudanças tanto no mundo do trabalho quanto nos eixos educacionais.

Na perspectiva sócio-histórica, entende-se que o ser humano constrói e é constituído nas relações sociais. A produção, no sentido do trabalho, e os processos educativos são atividades de adaptação do ser humano à natureza ao longo da história, atividades pelas quais os seres humanos produzem sua própria existência. A transformação da natureza para atender às suas necessidades, é o que diferencia os seres humanos dos animais. A partir desse ponto de vista, os valores, saberes e práticas da sociedade são tidos como processo educativo. Segundo Émile Durkheim (2011: 53),

[...] A educação é uma ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular. [...] Em suma, a educação é uma socialização da geração jovem.

A história do trabalho na humanidade remonta aos primórdios da civilização, quando as pessoas começaram a organizar comunidades e a desenvolver atividades de subsistência. Desde então, o trabalho tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento da sociedade e na forma como as pessoas interagem com o mundo. De acordo com Albornoz (2017: 08), a definição de trabalho

[...] designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura. É o homem em ação para sobreviver e realizar-se,

criando instrumentos, e com esses, todo um novo universo cujas vinculações com a natureza, embora inegáveis, se tornam opacas.

As atividades laborais nos primeiros estágios da humanidade incluíam caça, coleta de alimentos, agricultura e construção de abrigos (KUENZER, 1985). A sociedade dependia do trabalho coletivo e da divisão de tarefas para atender às necessidades básicas. Avanços em tecnologia e habilidades permitiram o desenvolvimento de ferramentas que tornam o trabalho mais produtivo e eficiente.

A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra no século XVIII, revolucionou o mundo do trabalho. A introdução de máquinas e a mecanização da produção levaram a mudanças dramáticas nas condições de trabalho. “Com essa divisão, o operário fica restrito, [...] expropriado do saber sobre o trabalho e perdendo a característica que o fazia humano: a possibilidade de pensá-lo, planejá-lo, criá-lo” (KUENZER, 1985: 47). A produção passou por processos de reestruturação, acentuados pela automação e pelo trabalho digital, levando a mudanças no mercado de trabalho e demandando novas habilidades e qualificações. Kuenzer (1985: 14) destaca que

quanto mais a produção capitalista simplifica o trabalho pela mecanização, mais as diferenças de qualificação deixam de ser reais; o conhecimento específico do trabalho que caracterizava o trabalhador individual no artesanato e na manufatura se dissolve em um conjunto de habilitações genéricas que permitem a mobilidade da força de trabalho.

O trabalho de hoje está em constante transformação pela tecnologia, a economia digital e as demandas da sociedade. A história do trabalho é moldada pelo desenvolvimento científico-tecnológico, mudanças em diferentes aspectos da vida humana, com impactos na educação e na luta por melhores condições de vida e trabalho. Em relação à dimensão educacional, De Carvalho (2003) enfatiza que “[...] a educação deve possibilitar uma melhor inserção do trabalhador no mercado de trabalho, mas enfatiza, sobretudo, a dimensão da cidadania, como elemento essencial para transformar a realidade existente.”

É necessário considerar que a educação e o trabalho são indissociáveis. Kuenzer (1985) indica as relações intrínsecas entre ambos ao afirmar que assim como os meios de produção modificam a educação, a educação tem possibilidade

de transformar os mecanismos do trabalho. Porém, tais mudanças estruturais não são simples, são resultantes de construção política, social, econômica e cultural.

Capital e trabalho orientam o mundo do trabalho e o educacional a partir de perspectivas distintas, manifestas na divisão do trabalho e na educação correspondente. Pela lógica da produção, há uma segmentação: uma formação para o trabalho voltada para o desenvolvimento de habilidades técnicas instrumentais e outra abrangendo conhecimentos teóricos que possibilitam ao trabalhador o conhecimento do processo de produção. Por um lado, a educação capitalista dispõe os futuros trabalhadores para a operação de tecnologias e maquinários nas tarefas de execução. Por outro, os capitalistas são ensinados para assumirem funções de direção, supervisão e controle.

Ao tratar da divisão do trabalho e do processo de desqualificação produzidos pela mecanização, Kuenzer (1985: 45) indica: “É importante salientar que ele [o trabalhador] se prende não a uma máquina em especial, mas a qualquer máquina, em virtude da desqualificação que a simplificação do trabalho trouxe com a mecanização.”

A autora destaca que, no capitalismo, o problema da instrução para a grande indústria estabelece uma pedagogia da fábrica. O trabalhador na indústria passa a se especializar em um único aspecto do trabalho parcelado, diferente dos artesãos que detinham o conhecimento do processo de produção como um todo. Sob a ótica do capital, a formação do cidadão produtivo pode ser direcionada, então, apenas para os aspectos essenciais voltados à realização deste trabalho fragmentado, empobrecido.

Por outro lado, para o trabalho intelectual empobrecido, diante da perspectiva da reestruturação produtiva, um pequeno contingente de trabalhadores precisa deter conhecimentos científicos e tecnológicos. Para esses, é necessária a formação no sentido de uma Educação Superior. Aqui se faz uma lógica hierárquica na educação dada em função da divisão social do trabalho. Kuenzer (1985: 48) indica a constituição dessas duas pedagogias. Para a maioria, executores, uma instrução equivalente, de caráter parcial, limitado, prático, e para aqueles dedicados ao planejamento e ao controle, uma formação teórico-científica, porém desvinculada

do fazer cotidiano. Essa diferenciação impacta nas possibilidades de superação das condições de dominação. Para a autora:

A existência destas duas pedagogias só será superada no momento em que o desenvolvimento das forças produtivas permitirem a superação da divisão do trabalho, da teoria e da prática, em outro modo de produzir. Quando isso acontecer, ou seja, quando toda forma de trabalho não se constituir em mais do que ação do homem sobre a natureza para produzir-se a si mesmo e à natureza, toda pedagogia será pedagogia do trabalho e, conseqüentemente, fator de desenvolvimento e humanização (KUENZER, 1985: 48).

Se a partir da lógica capitalista se justifica uma educação instrumentalizada e empobrecida, restrita às exigências da produção, sob a lógica do trabalho e do ponto de vista dos trabalhadores é exigida uma educação de outro tipo. É nesse sentido que têm sido desenvolvidas as formulações que propõem a tomada do trabalho como princípio educativo.

Nessas formulações, com referência no pensamento marxista, o trabalho é compreendido como elemento integrador entre teoria e prática. Para tanto, é necessário retomar o sentido positivo do trabalho como produtor de humanidade, ou seja, lembrar que os seres humanos produzem cultura, conhecimento e se educam a partir do trabalho. Tal concepção orienta a formulação de propostas educativas que buscam romper com a divisão produzida historicamente entre trabalho intelectual (teórico) e trabalho manual (prático). Essa unidade teoria-prática se traduz no conceito de práxis.

De acordo com o filósofo Sánchez Vázquez (2011: 30), “Práxis, em grego antigo, significa a ação, de levar algo a cabo, mas uma ação que tem seu fim em si mesma, e que não cria ou produz um objeto alheio ao agente ou sua atividade.” Nesse sentido, percebe-se a práxis como possibilidade de ação para a superação das ideologias provedoras do sistema capitalista.

A práxis não se resume à prática, é uma atuação da teoria que resulta na prática e reflete na teoria (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2011:32). Certamente, teoria e prática não são e nem devem ser perspectivas desconectadas, ou seja, o conhecimento se constrói na prática e é sustentado pela teoria. Para o autor, o mundo prático utilitário é onde se estabelece o senso comum, no qual a teoria está presente, porém, de forma diluída. Essa consciência comum deve ser o ponto de

partida para o desenvolvimento de um outro nível de consciência, o filosófico, ou da práxis. É pensar a realidade a partir do domínio da teoria e vice-versa.

Se o capitalismo gera o trabalhador mutilado, alienado, uma proposta contrária a essa perspectiva deve pensar o ser humano integralmente, o que exige uma educação que possibilite o desenvolvimento desse ser humano em todas as suas dimensões. Com base nesses fundamentos é possível uma outra compreensão sobre a necessidade de formação dos jovens para o mundo do trabalho.

Compreender as mudanças no mundo do trabalho e discutir como a realidade do trabalho modifica as relações educacionais são aspectos sobre os quais os olhares dos profissionais da educação deveriam se deter. Nessa ótica, tomar o trabalho como princípio educativo é orientar a educação para formação de pensadores, trabalhadores, para a construção de uma sociedade e um mundo do trabalho na perspectiva das relações sociais e produtivas (KUENZER, 1985).

Aprendizagens sustentadas pela prática não podem se apoiar apenas em aulas expositivas, mas, necessariamente, o ensino ancorado na realidade (que se sustenta prática e teoricamente) e/ou trocar prática por práxis. Apropriar dos conhecimentos já produzidos e ressignificá-los, são alguns exemplos de uma educação rumo à emancipação humana, potencializadora da práxis (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2011).

Percebemos, assim, que a divisão social, ligada ao modo de produção, determina a posição na qual o trabalhador será inserido na lógica capitalista. E, nos sistemas educacionais, se manifesta na forma como a teoria e a prática são ordenadas. A proposta de uma educação no sentido da emancipação exige a superação dessa divisão construída historicamente. O ponto de partida deve ser a reflexão sobre a realidade atual.

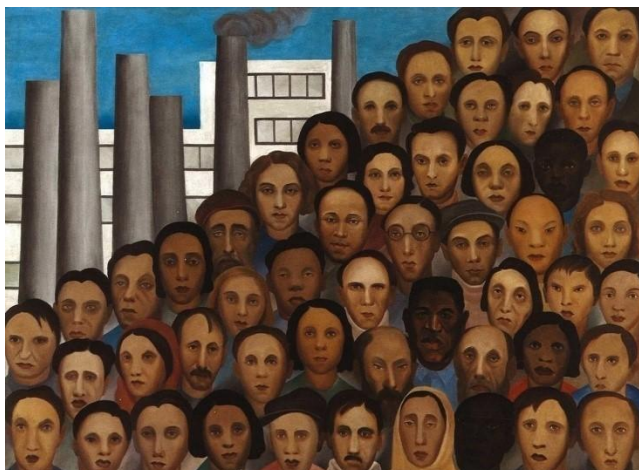
Frigotto (2005) destaca que desde os tempos remotos a luta dos trabalhadores tem se dado na direção da diminuição do tempo dedicado ao trabalho, necessário à subsistência, e a ampliação do tempo livre, de liberdade e criação. No capitalismo, tal luta representa a superação das relações sociais vigentes, pois, na divisão do trabalho, aos trabalhadores é negado o tempo livre "genuinamente humano", em um processo de desumanização. Recuperando o sentido positivo, humanizador do

trabalho, e compreendendo que este é atravessado pelo conhecimento, ciência e tecnologia, o autor afirma:

É a partir dessa elementar constatação que percebemos a centralidade do trabalho como práxis que possibilita criar e recriar, não apenas no plano econômico, mas no âmbito da arte e cultura, linguagem e símbolos, o mundo humano como resposta às suas múltiplas e históricas necessidades (FRIGOTTO, 2005: 02).

Tomamos, a seguir, a obra *Operários* em um exercício de reflexão sobre os sentidos de humanização-desumanização do trabalho na expressão artística de Tarsila do Amaral.

Figura 4: *Operários*, Tarsila do Amaral (1933)



Fonte: CATÁLOGO RAISONNÉ. Tarsila do Amaral. Vários colaboradores, Base 7, São Paulo, 2008.

Operários (1933) é conhecida, mundialmente, pela crítica social expressa em forma de arte. A obra retrata a vida dos trabalhadores urbanos na cidade de São Paulo. Durante sua construção, o estado de São Paulo estava passando pela ampliação e construção do movimento operário, decorrente da crescente industrialização paulistana, após a crise econômica de 1929. Trata-se de um contexto no qual o trabalho é tido, meramente, como mercadoria, e a migração dos trabalhadores rurais para os centros urbanos foi cada vez mais crescente.

A obra, com mensagens políticas e sociais, aborda questões como o papel do trabalhador na sociedade industrial, as condições de trabalho e as desigualdades sociais. Ao retratar os operários de forma grandiosa e imponente, Tarsila do Amaral destaca a importância dos trabalhadores para a produção da riqueza social. É perceptível os rostos lado a lado com feições extremamente cansadas e descontentes, expondo a inexistência dos direitos trabalhistas consolidados.

Preocupam-na [Tarsila do Amaral] os problemas do trabalho e da miséria humana, sobretudo a miséria oriunda do trabalho nas fábricas nascentes em São Paulo. [...] Esta obra é um retrato exasperante da condição moderna dos operários paulistas, como também da universalidade da condição subalterna dos trabalhadores, onde independente da etnia todos fazem parte da mesma pirâmide social que os congrega em um único lugar: a cidade (ARVELOS, 2017: 59).

Refletindo sobre as condições dos trabalhadores urbanos nas fábricas, representadas por Tarsila em *Operários*, observamos que as juventudes atuais são herdeiras das lutas de seus antepassados, batalham pela esperança de trabalho digno e leis trabalhistas que o assegurem. Porém, em contraposição, temos a alienação e o consumismo encurralando os sonhos do proletariado. Observamos, assim, que a superação das condições atuais não é tarefa fácil. Sobre esse aspecto Kuenzer (1985) retoma,

[...] a consciência de classe não se dá espontaneamente; ela nasce da concretude das relações produtivas, mas é elaborada ao nível superestrutural. É nesse momento que a pedagogia do trabalho desempenha papel fundamental no quadro da luta pela hegemonia da classe trabalhadora.

4. JUVENTUDES

As juventudes vivenciam atualmente mudanças constantes que tomam os lugares e papéis desempenhados fluidos e incertos.

Nunes; Weller (2014)

Juventude é um conceito que envolve múltiplos aspectos. Por um lado, ser jovem é uma condição natural, biológica, do ser humano, uma etapa da vida. Por outro, a ideia de juventude é uma construção social. O termo tem sido utilizado tanto para se referir a aspectos históricos e socioculturais quanto à sujeitos circunscritos em uma determinada faixa etária. Na atualidade, percebemos o jovem como sujeito consumidor e também (re)produtor, categorizado no segmento juventude no intuito de delimitar o seu papel dentro da sociedade em que se insere.

Na interseção de diferentes fatores, compreendendo que a história de um indivíduo é atravessada por diferentes categorias sociais, e tendo em mente a existência de diferentes sociedades, não há de se falar em uma única juventude, mas sim em juventudes. No plural. Aplica-se às juventudes o destacado por Franklin em relação à infância:

a infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância (FRANKLIN *apud* PINTO; SARMENTO, 1997: 4).

Comparando os estudos acerca da juventude com a infância, é possível compreender como as mudanças sociais interferem nos processos etários. A infância é um estágio importantíssimo na construção do indivíduo, mas durante a Idade Média crianças e adultos dividiam as mesmas tarefas, sendo as crianças vistas como 'mini adultos'. Ariès (1984) afirma que naquele momento histórico existia uma indiferença com relação a essa fase da vida, configurando a ausência de um sentimento em relação à infância.

Na passagem do Renascimento para Modernidade, houve uma queda na taxa de mortalidade infantil, melhores condições de vida e conseqüentemente, a

criança e as infâncias passaram a ter outra visibilidade, onde começava a divisão social entre crianças e adultos. Posteriormente, às divisões infância, vida adulta e velhice, vão sendo incorporadas novas classificações como a adolescência. Dessa forma, entende-se que “[...] de fato, as idades da vida não correspondem apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais.” (NUNES; WELLER, 2014: 44)

As leis podem ser compreendidas como expressões dessas construções sociais. Nelas, busca-se delimitar o segmento populacional alvo do regramento, sendo adotada majoritariamente a classificação por faixa etária.

Nesse sentido, o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, é um marco importante para a promoção dos direitos e a inclusão dos jovens na sociedade. Esse documento estabelece diretrizes e políticas públicas voltadas para a garantia dos direitos dos jovens brasileiros. Para tanto, era necessária a delimitação do segmento populacional por faixa etária:

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

Nos estudos sobre juventudes, características sociais como a escolaridade, gênero, renda familiar, autodeclaração racial, e se residem em meio rural ou urbano, são pontos cruciais para o entendimento do contexto em que os jovens estão inseridos e dos fatores socioculturais a que estão submetidos. Os grupos juvenis, em suas singularidades, vivenciam a juventude de forma diversa em função das realidades em que se encontram. Ao mesmo tempo em que são atravessados por essas condições, seus comportamentos e práticas apontam para horizontes futuros. Salgado (2012), defende que,

[...] são eles, os jovens, os irradiadores de comportamentos e práticas de consumo em nossa contemporânea sociedade. E que, portanto, para entender o futuro do comportamento, o futuro do consumo e até mesmo o futuro da sociedade (!) é para eles, jovens, que devemos mirar.

As juventudes são heterogêneas. As classes sociais, gêneros, etnias, entre outros elementos influenciam em suas expectativas, reações e posicionamentos. Nesse rol, as juventudes brasileiras, usando o termo no plural por entender o fundamental reconhecimento das pluralidades em torno das vivências juvenis, são atravessadas também por questões próprias de nossa trajetória histórica e por outras mais amplas, relacionadas às transformações sociais e no trabalho na esfera global.

Nunes e Weller (2014) esclarecem que vários fatores influenciam diretamente nas mudanças sociais em torno das juventudes, destacando que “[...] na contemporaneidade, a juventude vive das profundas mudanças em diferentes esferas da vida, das quais algumas estão diretamente vinculadas aos impactos dos processos sociais em curso.” Na nova sociedade do trabalho, as redes sociais, ‘influenciadores digitais’, áreas relacionadas à criatividade, ousadia e mídia, estão em constante destaque. Em análise superficial, observamos que, além da questão monetária, as profissões das novas mídias privilegiam as ‘curtidas’, entendidas como uma forma de interação, na qual se evidenciam o interesse e o engajamento com conteúdo postado. Profissões como jogadores de futebol e atores de novela continuam a se destacar, mas juntamente nascem outras profissões “cobiçadas”, como as *influencers* e *youtubers*. Com a mesma ideologia, muitos querem ser, mas poucos conseguem ter uma expressão milionária da atuação.

Atualmente, diversas interrogações rondam a vida dos jovens. Nunes e Weller (2014) identificam no cotidiano dos jovens inquietações baseadas na tríade - escola, família e trabalho. Empecilhos como a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e ao Ensino Superior estão presentes na vida desses sujeitos. De acordo com Nunes; Weller (2014: 43),

A crise e a precariedade do emprego, assim como as rápidas e intensas mudanças nos padrões tecnológicos do sistema produtivo vão, pouco a pouco, adiando o tempo médio de capacitação adequada para disputa de postos de trabalho e exigindo capacitação permanente dos indivíduos, principalmente nos meios urbanos.

Muitos jovens de famílias socioeconomicamente desfavorecidas recorrem ao trabalho por questões que incluem a necessidade econômica de sustentar a família, a falta de acesso a oportunidades educacionais adequadas e a ausência de

proteção social. Não raro, o trabalho é uma maneira de complementar a renda familiar, sendo combinado com outras atividades como o estudo e o trabalho doméstico, este último particularmente no caso das jovens. Abramo, Venturi e Corrochano (2020: 524) apontam para o fato de essa realidade de "sobreposição de atividades, ou seja, a situação de estudar e trabalhar ao mesmo tempo", também caracterizar um momento de transição para a vida adulta.

As incertezas e pressões do mundo contemporâneo afetam os jovens em várias dimensões. De acordo com Nunes; Weller (2014: 48),

É neste cenário que a juventude contemporânea [...] encontra-se imersa: num contexto de mudanças constantes no qual o seu lugar e os papéis que desempenha são fluidos, incertos. [...] assim como as rápidas e intensas mudanças nos padrões tecnológicos do sistema produtivo vão, pouco a pouco ampliando o tempo médio de capacitação adequada para disputa de postos de trabalho e exigindo capacitação permanente dos indivíduos. Em consequência, observa-se um prolongamento da adolescência pelo aumento do tempo médio de estudos exigido; essa situação prolonga também a dependência do/da jovem do esquema familiar de vida.

Nesse sentido, o jovem-adulto vivencia as dificuldades do alcance aos elementos para a autonomia tanto econômica quanto familiar. Um de seus principais empecilhos é a inserção e estabilidade no mercado de trabalho:

[...] vida familiar, vida escolar e vida profissional apresentam-se de maneira combinada nas diferentes trajetórias juvenis, e os pontos de inflexão em uma ou em outra dimensão podem influenciar todas as demais, virando e revirando rumos (ABRAMO; VENTURI; CORROCHANO, 2020: 525).

5. JOVEM APRENDIZ, UMA PARTE DA HISTÓRIA

O Programa Jovem Aprendiz tem em suas origens a atualização da regulamentação do trabalho e aprendizagem por menores dada pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), Decreto-Lei 5452, de 1º de maio de 1943, em seu artigo 428. Tal atualização foi realizada por meio da Lei da Aprendizagem, Lei nº10.097, de 19 de dezembro de 2000. O Programa, em sua formulação e materialidade, é atravessado por diferentes concepções de formação, de adolescência e juventude e distintas visões de mundo e projetos de sociedade.

A legislação brasileira acerca do trabalho de crianças e adolescentes tem como um de seus primeiros marcos o Código de Menores de 1927, primeira intervenção legal que, então, proibia o trabalho para pessoas menores de 12 anos. O Código de Menores ou Código Mello Mattos, em homenagem ao jurista e autor do projeto, foi promulgado para menores em situação irregular. À época, pensava-se na prevenção de possíveis problemas relacionados à delinquência juvenil.

A ideia de "situação irregular" permaneceu por longos anos na legislação. De acordo com a Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979 (revogada apenas em 1990 pela Lei nº 8.069),

Art. 2º Para os efeitos deste Código, considera-se em situação irregular o menor:

I - privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, ainda que eventualmente, em razão de:

a) falta, ação ou omissão dos pais ou responsável;

b) manifesta impossibilidade dos pais ou responsável para provê-las;

II - vítima de maus tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsável;

III - em perigo moral, devido a:

a) encontrar-se, de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes;

b) exploração em atividade contrária aos bons costumes;

IV - privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável;

V - com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária;

VI - autor de infração penal.

Nos termos da lei, utilizava-se a nomenclatura “menor” ao se referir à criança e ao adolescente. O Código de Menores operava em caráter correccional, ao contrário

do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) - ECA, que lida com as questões socioeducativas. Os jovens da época não eram tratados como sujeitos de direitos, isso fica evidente na terminologia utilizada no seguinte trecho da Lei nº 6.697/ 1979,

Art. 1º Este Código dispõe sobre assistência, proteção e vigilância a menores:

I - até dezoito anos de idade, que se encontrem em situação irregular;

II - entre dezoito e vinte e um anos, nos casos expressos em lei.

Parágrafo único - As medidas de caráter preventivo aplicam-se a todo menor de dezoito anos, independentemente de sua situação.

A utilização do termo "menor" se perpetua atualmente, quando se trata de adolescente infrator. Senso comum, a população se refere a esse sujeito como "menor". O Estado dita que o "menor" se trata de uma parcela da população que causa desassossego social.

Em 1988, a Constituição Federal proíbe o trabalho para jovens menores de 16 anos e possibilita a condição de aprendiz a partir dos 14 anos, sendo um significativo avanço na legislação acerca das leis trabalhistas para os jovens. Com a redemocratização do país e com pressão da Organização das Nações Unidas - ONU, fizeram com que no ano de 1990, o ex-presidente Fernando Collor de Mello sancionasse o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com objetivo de proteção integral e aprendizagem da criança e do adolescente.

Magalhães e Granja (2021) indicam que a responsabilidade sobre os direitos das crianças e adolescentes estipulada no texto da Constituição Federal de 1988 passa a ganhar suporte a avanços somente a partir dos anos 2000, com a criação de políticas específicas. É desse período a estruturação da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e do Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE).

Também desse momento, é a promulgação da Lei da Aprendizagem (Lei nº 10.097, de 2000). O Programa de Aprendizagem, segundo o Manual da Aprendizagem (2009) "é uma ação de responsabilidade social e um importante fator de promoção da cidadania, redundando, em última análise, numa melhor produtividade".

A Lei da Aprendizagem determina que empresas de médio e grande porte devem possuir a porcentagem de 5 a 15% de Jovens Aprendizes no seu quadro de

funcionários. Em uma abordagem bastante otimista, lê-se no referido Manual “mais do que cumprir o que determina a legislação, as empresas, conscientes de sua responsabilidade social, terão interesse em admitir jovens de 14 a 24 anos”.

As normas do programa estipulam que o contrato de trabalho deve ter a duração máxima de dois anos, e que são público-alvo jovens de 14 a 24 anos cursando o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio, ou, ainda, aqueles que já tenham concluído o Ensino Médio. Os limites de idade e de tempo de contrato não se aplicam às pessoas com deficiência.

Independentemente de o contrato ser de caráter especial, pressupõe o registro na Carteira de Trabalho a fim de garantir os direitos trabalhistas. Os jovens são contratados e matriculados no programa de aprendizagem em Escolas Técnicas, Entidades sem Fins Lucrativos - ESFL ou nas instituições dos Serviços Nacionais de Aprendizagem, assim dizendo, têm acesso a formação técnico-profissional.

O portal do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) destaca alguns dos objetivos do programa, entre eles:

A inclusão produtiva de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, proporcionando seu ingresso no mercado de trabalho de forma segura e com acesso à educação; A prevenção e combate ao trabalho infantil; A construção de uma cultura corporativa socialmente responsável (CIEE).

No contrato do jovem aprendiz, por ser de caráter especial e com algumas restrições, devem constar dados da empresa contratante, do jovem, do curso, jornada de trabalho, entre outros. A carga horária, destinada para as atividades teóricas e práticas, deve ser cumprida no contraturno da escola regular. A jornada diária máxima é de até 6 horas para os que ainda não concluíram o Ensino Fundamental e de 8 horas para os que concluíram essa etapa de ensino.

O jovem aprendiz deve ter um monitor responsável que o acompanhará nas atividades práticas exercidas na empresa contratante. Caso o jovem tenha entre 14 e 17 anos, o contrato será composto pela assinatura do aprendiz, do responsável legal, da empresa contratante e as férias devem coincidir com as férias escolares.

A extinção do contrato de aprendizagem pode se dar pelo término do prazo do contrato ou quando o aprendiz atinge a idade limite (24 anos), exceto no caso de pessoa com deficiência, ou, ainda, antecipadamente, por desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz; falta disciplinar grave; perda do ano letivo por ausência injustificada à escola ou a pedido do aprendiz.

O Programa tem passado por sucessivas atualizações. O Decreto nº 9.579, de 22 de novembro de 2018, alterado pelo Decreto 11.061, de 04 de maio de 2022, e, recentemente pelo Decreto 11.479, de 6 de abril de 2023, no que diz respeito à profissionalização de adolescentes e jovens por meio de programas de aprendizagem profissional, dispõe que qualquer estabelecimento com sete ou mais empregados é obrigado a contratar jovens aprendizes, independentemente da sua natureza, incluídas as empresas públicas, sociedades de economia mista e autarquias.

Entre as alterações recentes está a ampliação do prazo de contrato, que passou de dois para o máximo de três anos, podendo ser prorrogado para até quatro anos nos casos previstos na legislação. Trazendo reflexões acerca do desemprego e alongamento da escolarização dessa faixa etária. Além disso, para atividades que a idade mínima exigida seja 21 anos, o limite foi elevado para 29 anos.

6. OLHARES DOS JOVENS: ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Para a etapa de entrevista, foram convidados quatro jovens aprendizes, moradores das regiões periféricas do Distrito Federal e entorno. Todos, em um primeiro momento, aceitaram participar do estudo, mas dois deles desistiram quando estava próximo da data marcada. Um deles alegou que não havia tempo livre para a participação e o outro não respondeu ao contato. É necessário refletir acerca dos motivos que levaram esses jovens a optarem por não participar do estudo.

Um estudo que trata sobre tempo livre e um potencial entrevistado não tem tempo para participar pode ser considerado um dado para a pesquisa, fornece informações sobre o cotidiano desses jovens e suas compreensões sobre o tempo em que não estão envolvidos em atividades de trabalho, estudo e outras obrigações. O que é tempo livre para esse jovem? Como esse jovem tem lidado com a sobreposição de atividades? Como os compromissos e responsabilidades afetam o tempo disponível para atividades autocondicionantes?

Então, dos quatro jovens aprendizes que entramos em contato, duas aceitaram participar da pesquisa. Ambas as respondentes escolheram o nome Maria para identificação. Para diferenciá-las, optamos por nomes compostos, sendo escolhido nomes de flores do cerrado da região do Distrito Federal (DF) e Goiás (GO): Caliandra e Ipê.

Maria Caliandra relatou que escolheu esse nome “Maria” por considerá-la forte, mulher de luta. A flor Caliandra é conhecida por crescer em vegetações de seca, pela sua delicadeza e bravura diante da terra vermelha do cerrado. Já a Maria Ipê considerou o nome “Maria” pelo cunho religioso. O Ipê será seu nome composto por ter diversas cores, mas nunca faltar com a beleza nos quatro cantos do DF.

Entrei em contato com ambas por meio do WhatsApp. As respondentes concordaram em participar da entrevista após a explicação dos objetivos da pesquisa. Foram enviados os formulários online com Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinarem.

As entrevistas aconteceram respeitando as especificidades de cada jovem. Não foi possível um encontro presencial, as entrevistadas alegaram que havia

pouco tempo disponível para deslocamento. As entrevistas ocorreram em momentos distintos, com a Maria Caliandra foi pelo Google Meet e com a Maria Ipê foi realizada por chamada de voz.

Maria Caliandra, 20 anos, se autodeclara negra, moradora do interior de Goiás. Maria Ipê, 22 anos, se autodeclara branca, moradora do Distrito Federal. Ambas participaram do programa de aprendizagem no contraturno escolar e enfatizaram que seu interesse pelo programa se deu devido à situação econômica.

Esse motivo é comum entre os jovens que buscam oportunidades de trabalho e fontes de renda durante o Ensino Médio. No entanto, é importante ter em mente que o lado financeiro não deve ser o único considerado. De acordo com as entrevistadas,

“Eu estudava e sai de casa muito nova, com 13 anos. Então, para mim, sempre foi muito necessário ter uma oportunidade para conseguir minha renda, porque eu morava sozinha e precisava me sustentar.” (Maria Caliandra)

“Dinheiro. Precisava de dinheiro e fui trabalhar. Eu não morava mais com meus pais, só com meu avô.” (Maria Ipê)

A dificuldade dos jovens em entrar em programas de aprendizagem pode variar dependendo de diversos fatores, como localização geográfica, disponibilidade de oportunidades, escolaridade, habilidades específicas e demanda do mercado de trabalho. Maria Caliandra enfatizou a sua angústia durante o tempo de espera para chamá-la ao trabalho.

“Eu pensei que eu não iria conseguir, pelo tempo que demorou, né? Porque demorou uns 4, 5 meses. Durante esse tempo, eu fiz entrevistas em outros lugares. Fiz curso pra poder complementar o currículo. E pensei que pra mim seria uma possibilidade inviável.” (Maria Caliandra)

A rotina dos jovens socioeconomicamente desfavorecidos pode ser afetada por uma série de desafios e circunstâncias específicas que enfrentam. Embora as rotinas possam variar de acordo com as juventudes, diversos aspectos se repetiram nas falas das jovens entrevistadas. Alguns deles foram o tempo limitado de almoço, utilização do transporte público para deslocamento da escola ao ambiente de trabalho, atividades domésticas, tempo reduzido para as atividades escolares e

descanso. “[...] o tempo em que se está livre do trabalho tem por função restaurar a força de trabalho, o tempo livre do trabalho — precisamente porque é um mero apêndice do trabalho — vem a ser separado deste com zelo puritano.” (ADORNO, 1995). É o que se percebe nesta fala de Maria Ipê:

“Eu estudava de manhã e trabalhava à tarde. Então, a gente ia pra escola já com a marmita, aí da escola a gente pegava o ônibus, às vezes comia dentro do ônibus ou então se chegasse mais cedo comia na empresa, né? Só que era bem apertado o tempo. [...] O tempo, de quem trabalha e de quem não trabalha, é muito diferente. A gente não conseguia fazer trabalho de escola no turno contrário, grupo de estudo. Essas coisas a gente não tinha. O tempo que a gente tinha pra estudar era à noite, né?” (Maria Ipê)

Alguns jovens urbanos podem ter o trabalho como prioridade em relação à escola, especialmente quando estão enfrentando dificuldades financeiras ou outras circunstâncias que exigem que assumam essas responsabilidades. Esse foi o caso das entrevistadas.

No entanto, é importante considerar que essa percepção pode variar de jovem para jovem. Em minha experiência pessoal, o programa de aprendizagem era visto como conhecimento prático. Participei do programa por acreditar que tê-lo em meu currículo facilitaria na busca pelo primeiro emprego efetivo.

De acordo com o portal CIEE³, um dos objetivos do programa de aprendizagem é proporcionar o “[...] ingresso [do jovem] no mercado de trabalho de forma segura e com acesso à educação [...]”. Apesar de ser um dos principais objetivos, este não está sendo cumprido de forma adequada em todos os espaços do programa de aprendizagem. Maria Caliandra afirma que

“[...] se estivesse saindo agora do Jovem Aprendiz pra poder entrar no mercado de trabalho que estou atualmente, eu ficaria totalmente perdida. Eu não fui preparada, entendeu? Eu imaginei que estaria me preparando pro mercado de trabalho mais na frente, mas não aconteceu. É um mundo totalmente desconexo.” (Maria Caliandra)

A falta de tempo livre devido à combinação da escola, trabalho e obrigações domésticas é uma situação desafiadora enfrentada por diversos jovens. A pressão de equilibrar as obrigações acadêmicas, as responsabilidades profissionais e as

³ <https://portal.ciee.org.br/para-voce/jovem-aprendiz-ciee/#o-programa>

atividades domésticas, pode ser estressante e, por consequência, deixar pouco tempo livre. Segundo Aquino; De Oliveira Martins (2007: 481),

no caos entre necessidades econômicas e existenciais, o homem contemporâneo se vê dividido entre as obrigações impostas por suas atividades laborais e o desejo de libertar-se dessas tarefas e, assim, poder usufruir um tempo para si.

Quando questionadas sobre o tempo livre, as entrevistadas relatam a inexistência deste e as impossibilidades de lazer em espaços públicos. Maria Caliandra relata: *“A gente também vive numa cidade que não tem muita opção, né?”*, Maria Ipê enfatiza, *“Nessa época de jovem aprendiz eu já não saía mais não, já tava mais centrada nessas coisas de trabalho e aí saía mesmo pra igreja ou pra casa de familiares.”*

A indisponibilidade de oportunidades de atividades culturais públicas e gratuitas em áreas urbanas é uma questão fundamental que pode afetar adversamente o acesso e a participação da população, na negação do direito à cultura. A falta de infraestrutura adequada, espaços culturais acessíveis ou programas voltados para a cultura pública, podem levar à marginalização de alguns segmentos da sociedade e limitar a riqueza cultural e artística das comunidades.

A falta de acesso do público à cultura pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a falta de teatros, museus, galerias, bibliotecas e espaços comunitários. Além disso, a falta de investimento para apoiar eventos culturais, festivais e atividades artísticas pode afetar a diversidade cultural e a expressão criativa das comunidades urbanas.

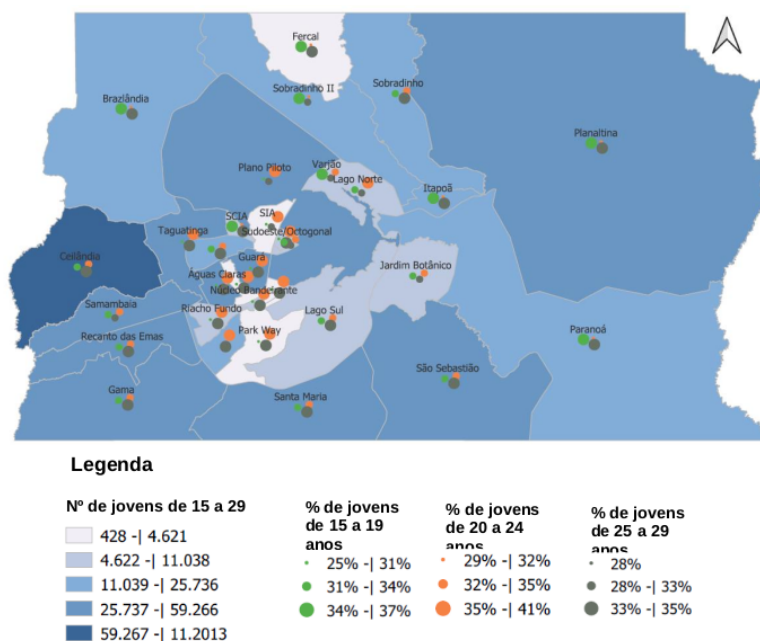
Essa indisponibilidade é especialmente sentida em áreas de baixa renda, onde os recursos culturais e artísticos são escassos ou inacessíveis. Isso pode levar à alienação de certos grupos e limitar suas oportunidades de se envolver com a cultura e as artes. Maria Caliandra enfatiza que, apesar de tentar ter momentos de descontração, tanto na cidade que reside quanto em Brasília, os ambientes de lazer são distantes e de difícil acesso.

O não acesso ao Passe Livre Estudantil durante o final de semana foi um dos fatores dificultadores citados pela entrevistada. A maioria dos eventos culturais

são centralizados no Plano Piloto, não chegam nas regiões periféricas onde concentram o maior público juvenil. De acordo com o CODEPLAN (2020),

[...] Outras regiões que também apresentam uma elevada proporção de jovens, superior a 28%, são: Paranoá (28,6%), Recanto das Emas (28,8%), Riacho Fundo II (30%), Varjão (29,1%), SCIA-Estrutural (31,1%) e Itapoã (28,4%). Dentre esses locais, apenas Riacho Fundo II não compõe o grupo de RAs de baixa renda. Por outro lado, as regiões que apresentam a menor proporção de jovens são aquelas que compõem o grupo de alta renda: Sudoeste/Octogonal (15,9%), Lago Norte (17,9%), Plano Piloto (19,1%) e Lago Sul (19,2%).

Figura 5: Número total de jovens de 15 a 29 anos e percentual por faixas etárias, segundo as Regiões Administrativas do Distrito Federal, 2018.



Fonte: Codeplan. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2018.

Elaboração: DIPOS/Codeplan.

Para os jovens moradores de cidades periféricas, a utilização das redes sociais é a única opção de “lazer”. Seja durante o deslocamento entre escola – trabalho – residência, seja em momentos de alimentação ou até mesmo aos finais de semana. Embora as redes sociais possam fornecer um meio de conexão e

compartilhamento de informações, é importante estar ciente dos possíveis efeitos causados pelo uso excessivo, como a alienação e consumo exacerbado.

Quando escutamos os relatos das jovens percebemos que viviam em uma rotina linear. O cotidiano era resumido em relações sociais na escola e no trabalho, não foram ditos momentos de lazer com amigos e de fruição fora do consumo.

As entrevistadas relataram sobre suas rotinas exaustivas e deixaram reflexões nas entrelinhas. As juventudes urbanas estão mais reclusas, não se observa crianças jogando bola na rua, adolescentes conversando nas praças. Momentos de tempo livre estão sendo utilizados em frente às telinhas, consumindo e produzindo conteúdo. Maria Ipê relata, *“passava de uma a duas horas no ônibus para ir pra casa, eu ficava mexendo no celular pra passar tempo.”* Nesse sentido, Nunes e Weller (2014: 45) enfatizam que

[...] A cultura de massa, a virulência dos meios de comunicação, as novas possibilidades de cantatas no universo on-line, dentre outros, são elementos das sociedades contemporâneas que têm influência direta neste grupo etário em pleno processo de formação identitária.

A sociedade contemporânea, marcada pela busca incessante por produtividade e eficiência, parece estar cada vez mais imersa naquilo que Byung-Chul Han (2015) denominou de sociedade do cansaço. Segundo o autor, vivemos em um mundo em que a exaltação do desempenho individual e a pressão constante por resultados têm como consequência o esgotamento físico e mental dos indivíduos. A sociedade do cansaço se caracteriza pela proliferação de tarefas e obrigações, que levam à exaustão dos sujeitos, impedindo-os de desfrutar de momentos de pausa e contemplação. O tempo livre torna-se escasso e a própria noção de lazer é subjugada pela cultura do trabalho e do consumo (HAN, 2015).

As entrevistadas relatam que precisam estar constantemente atarefadas. Precisam produzir e consumir o tempo todo, se não são tidas como irresponsáveis. Diante dessa realidade, é preciso repensar acerca do tempo livre atrelado a preguiça, em detrimento da incessante busca por produtividade e sucesso a qualquer custo. Aquino; De Oliveira Martins (2007: 498) ressaltam que

a centralidade do tempo contemporâneo, ainda no tempo de trabalho, dá vez a um sujeito longe de sua liberdade, criação e desejo, convocando a continuidade da atenção em um tempo a ser conquistado para a expressão das subjetividades contemporâneas diluídas em tempos de vazio.

Pensando no tempo livre que não tiveram, as entrevistadas viajaram na imaginação. Ignoraram as barreiras econômicas, quaisquer fatores de impedimento, e expressaram como queriam/usariam o tempo livre. *“Ah, com certeza tinha viajado, tinha conhecido alguns lugares. Pode colocar [escrever] viajar um monte de vezes.”*, respondeu Maria Ipê em tom de risada e descontração. Já Maria Caliandra disse, *“Eu gostaria... [pausa reflexiva. Mesmo de forma imaginativa, teve dificuldade de relatar acerca do tempo livre] ter um tempo pra mim, por exemplo. Sei lá, sair com as minhas colegas na época de escola.”*

Com sua pausa reflexiva, Maria Ipê constata que,

[...] se se curasse responder à questão sem asserções ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. Nele se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade em si mesma (ADORNO, 1995).

Quando questionadas: “O que é ser jovem?”, as entrevistas ficaram em silêncio, demonstraram estar pensativas. Ambas não souberam responder de imediato, mas a resposta da Maria Caliandra surpreendeu,

“ser jovem, pra mim, é legal. Depende do ponto de vista, porque a gente precisa de oportunidades que a gente não tem, né? É desafiador. Não fui jovem como eu queria. Você tem que lidar com um mix de tudo, ao mesmo tempo, é pressão.”

Ela expressou as dificuldades que enfrentou em consequência da adultização forçada. Apesar dela se enquadrar na faixa etária estabelecida pelo Estatuto da Juventude, não se enxergava mais como uma jovem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar os olhares dos jovens aprendizes sobre o tempo livre, educação e trabalho. A pesquisa enfatizou como jovem com desfavorecimento socioeconômico lida com a presença ou falta de tempo livre. “Tempo livre, entretanto, não está em oposição somente com o trabalho. Em um sistema, no qual o pleno emprego tornou-se um ideal em si mesmo, o tempo livre segue diretamente o trabalho como sombra” (ADORNO, 1995). Reitero que o tempo livre aqui considerado, é o tempo de liberdade, de fruição e autocondicionamento.

Os objetivos estabelecidos para esse estudo foram alcançados. Por meio de pesquisas, observamos que os jovens aprendizes enfrentam muitos desafios para equilibrar o estudo com o trabalho, atividades domésticas e o tempo livre. Verificou-se que a pressão para equilibrar as exigências educativas de formação intelectual, questões de gênero e desenvolvimento de competências com as responsabilidades profissionais, conduz a uma acumulação de desafios.

O programa de aprendizagem, como apresentado anteriormente, fomenta a entrada e aprendizagem do jovem no mundo do trabalho. Em desacordo com a afirmação, as jovens entrevistadas enfatizaram que procuraram o programa como forma de sustento. A finalidade do programa e a aprendizagem, nesses casos, foram deixadas de lado. Apesar disso, a taxa de evasão escolar entre os jovens aprendizes diminuiu drasticamente com a implementação do programa, de acordo com Rede Nacional de Aprendizagem, Promoção Social e Integração – Renapsi⁴. “Mesmo diante da extensão da permanência dos jovens brasileiros na escola há algumas décadas, para uma parcela significativa da juventude escola e trabalho se configura não como etapas sucessivas, mas concomitantes” (Camarano *apud* Abramo; Venturi; Corrochano, 2020: 526).

No entanto, também identificamos estratégias que os jovens utilizam para otimizar seus tempos. A noite foi destinada para realização de atividades escolares e estudos, almoço durante o deslocamento entre escola e trabalho, visita familiar em

4

<https://renapsi.org.br/qual-o-impacto-social-do-programa-jovem-aprendiz/#:~:text=Promove%20o%20combate%20%C3%A0%20evas%C3%A3o,direitos%2C%20desenvolvendo%20autonomia%20e%20cidadania>

determinados finais de semana, uso dos dias livres para adiantar tarefas, resolver pendências e utilização das tecnologias, foram algumas destas estratégias.

Quando questionadas sobre momentos de tempo livre, nenhuma delas descreveu como atividade que proporcione relaxamento, valorizando o autocuidado e equilibrando momentos de trabalho, estudo e relaxamento. Um dos fatores para essa situação, além da cultura do consumo e da falta de tempo livre, se deve ao capitalismo dos espaços de lazer. As jovens argumentam que não encontram espaços públicos de lazer nas periferias.

O tempo livre, em diversos momentos é encarado de forma negativa, como um tempo perdido. A pressão para se estabelecer no mercado de trabalho e obter sucesso profissional é intensa, qualquer momento de pausa ou descanso é visto como uma falha ou uma oportunidade perdida. A tecnologia favoreceu a produção 24 horas por dia. “[..] O tempo livre é acorrentado ao seu oposto [...]” (ADORNO, 1995). Os jovens e trabalhadores assalariados utilizam os dias livres para adiantar tarefas do trabalho ou resolver pendências.

A dificuldade em se inserir e se manter no mercado de trabalho também contribui para essa visão negativa do tempo de não trabalho. A competição acirrada, a escassez de oportunidades e as demandas cada vez mais exigentes levam muitos indivíduos a temerem o desemprego e a sentirem a necessidade constante de estar ocupados. A sociedade valoriza o trabalho árduo e a dedicação extrema, muitas vezes negligenciando os benefícios do tempo livre e do descanso para a saúde física e mental.

Esses resultados impulsionam abordagens para o acompanhamento dos jovens aprendizes, destacando a importância de considerar não apenas suas necessidades profissionais e educacionais, mas também seu bem-estar e qualidade de vida. É importante que os programas de aprendizagem forneçam suporte adequado e estimulem a exploração de atividades de lazer saudáveis que possam contribuir para o desenvolvimento integral do adolescente. É fundamental que haja um diálogo contínuo entre os campos da educação e do trabalho, com o objetivo de criar oportunidades que permitam uma adequada harmonização desses campos, evitando cargas de trabalho excessivas e promovendo o tempo livre.

É inevitável dizer que há limitação neste estudo, destaca-se a comunicação e a falta de tempo dos jovens urbanos. Portanto, estudos futuros são encorajados a expandir a amostra e considerar diferentes realidades, a fim de obter resultados mais abrangentes e representativos. Por fim, a pesquisa futura pode se concentrar no trabalho realizado pelo jovem aprendiz, na compreensão de um assalariamento disfarçado, e como isso impacta nos estudos. Em suma, estudar as perspectivas dos jovens aprendizes sobre tempo livre, educação e trabalho proporcionou uma compreensão mais profunda dos desafios que os jovens enfrentam e das estratégias que usam na tentativa de equilibrar suas atividades.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. **Estudar e trabalhar**: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. *Novos estudos CEBRAP*, v. 39, p. 523-542, 2020.

ADORNO, Theodor W. **Tempo Livre**. In: *Palavras e sinais: Modelos Críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995c.

ALBORNOS, Suzana. **O que é trabalho**. Brasiliense, 2017.

ARÌES, P. **A história social da criança e da família**. 2a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1984.

ARVELOS, Larissa. **O espaço social representado nas obras de Tarsila do Amaral (1886–1973)**: a constituição da modernidade no Brasil sob a ótica da Geografia. 2017.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; DE OLIVEIRA MARTINS, José Clerton. **Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho**. *Revista Subjetividades*, v. 7, n. 2, p. 479-500, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. **Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000**. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.061, de 04 de maio de 2022**. Altera o Decreto nº 9.579, de 22 de novembro de 2018, e o Decreto nº 10.905, de 20 de dezembro de 2021, para dispor sobre o direito à profissionalização de adolescentes e jovens por meio de programas de aprendizagem profissional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/decreto/D11061.htm. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

BRASIL. **Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em 03 de abr. de 2023.

BRUNELLI, Priscila B.; AMARAL, Shirlena CS; SILVA, P. A. I. F. **Autoestima alimentada por “likes”**: uma análise sobre a influência da indústria cultural na busca pela beleza e o protagonismo da imagem nas redes sociais. *Revista Philologus*, v. 25, n. 53, p. 226-236, 2019.

CATÁLOGO RAISONNÉ. **Tarsila do Amaral**. Vários colaboradores. São Paulo: Base 7: Projetos culturais - Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2008.

CODEPLAN, PDAD. **Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios**. 2018. 2019

DE CARVALHO, Olgamir Francisco. **Educação e formação profissional: trabalho e tempo livre**. Plano Editora, 2003.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia: A Educação, a sua Natureza e o seu Papel**. Ed. Vozes. São Paulo, 2011.

FARIA, José Henrique de; RAMOS, Cinthia Letícia. **Tempo dedicado ao trabalho e tempo livre: os processos sócio-históricos de construção do tempo de trabalho**. RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 15, p. 47-74, 2014.

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. **Pesquisa da Fiocruz aponta os impactos da pandemia na rotina dos adolescentes brasileiros**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-da-fiocruz-aponta-os-impactos-da-pandemia-na-rotina-dos-adolescentes-brasileiros>. Acesso em: 07 de abr. de 2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio et al. **Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio**. Ensino médio integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, p. 57-82, 2005.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.

KUENZER, Acácia. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. Em Aberto, v. 4, n. 28, 1985.

MAGALHÃES, Cintia Rosa de; GRANJA, Edna Mirtes dos Santos. **Programa de Aprendizagem e suas Implicações ao Acesso e Continuidade no Mercado de Trabalho: Um Estudo com Jovens Aprendizizes**. Id on Line Rev.Mult. Psic., fevereiro/2021, vol.14, n.54, p. 73-91. ISSN: 1981-1179.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Papirus editora, 1998.

Manual da aprendizagem: o que é preciso saber para contratar o aprendiz - 3. ed. - Brasília: MTE, SIT, SPPE, ASCOM, 2009.

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Editora Parábola, 2010.

MUNNÉ, F.; CODINA, N. **Ócio e tempo livre: consideraciones desde uma perspectiva psicosocial**. Revista Licere, Belo Horizonte, v. 5, p. 59-72, 2002.

NUNES, Brasilmar Ferreira; WELLER, Wivian. **A juventude no contexto social contemporâneo**. Estudos de Sociologia, v. 2, n. 9, p. 43-57, 2014.

RENAPSI - Rede Nacional de Aprendizagem, Promoção Social e Integração. **Qual é o Impacto Social do Programa Jovem Aprendiz na vida dos participantes?** Disponível em: <https://renapsi.org.br/qual-o-impacto-social-do-programa-jovem-aprendiz/#:~:text=Promove%20o%20combate%20%C3%A0%20evas%20%C3%A3o,direitos%20desenvolvendo%20autonomia%20e%20cidadania>. Acesso em: 01 de jun. de 2023.

ROCHA, André Campos. **A questão do tempo livre em Theodor W. Adorno**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2019.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo**. In. PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Org.). As crianças: contextos e identidades. Braga: Bezerra, 1997. p. 9-30.

PORTAL CIEE. **Programa de aprendizagem do CIEE**. Disponível em: <https://portal.ciee.org.br/para-voce/jovem-aprendiz-ciee/#o-programa>. Acesso em: 04 de jun de 2023.

SALGADO, Júlia. **O Produtivo Tempo Livre dos Jovens**: representações do consumo do tempo na contemporaneidade. Revista Contracampo, n. 24, p. 233-248, 2012.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia de práxis** - 2a ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Clacso : São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.

SINDICATO NACIONAL DOS AUDITORES FISCAIS DO TRABALHO. **Manual da aprendizagem profissional**: o que é preciso saber para contratar aprendiz. Brasília: SINAIT, 2019.

SOARES, José Montanha. **O lazer e o tempo do não trabalho no capitalismo**: as ilusões do consumo. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 22, n. 3, p. 603-622, 2019.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada

Entrevista semiestruturada:

Bloco I - Relação com o Programa de Aprendizagem e escola (Acesso, vivência e permanência)

1. Me conta um pouco sobre a sua experiência com o trabalho. Como você conseguiu o seu primeiro emprego (jovem aprendiz)?
2. Considera que teve dificuldades?
3. Seus amigos também participam do programa? Eles influenciaram de alguma forma?
4. Como está a sua rotina atual? (escola, trabalho, tempo livre)
5. Por que você entrou para o programa de jovem aprendiz?
6. Sua vivência no programa tem relação direta com o trabalho que você desenvolve dentro da empresa?
7. Sobre sua perspectiva de trabalho. Ela mudou depois que você entrou no programa? Como você lidou com essa mudança?

Bloco II – Tempo livre e juventude

1. O que você faz no tempo livre? Quando você tem tempo livre?
2. Como você gostaria de usar o seu tempo livre?
3. Qual relação seus amigos e familiares têm com o seu tempo livre?
4. Você acredita que se tivesse mais tempo, ele seria utilizado de que forma?
5. O que você pretende fazer depois do ensino médio?
6. Como você se sente quando se trata da vida pós ensino médio? Tem perspectivas?
7. Você pretende continuar, aprofundar na sua área de atuação na empresa? (No sentido de fazer graduação, se especializar ou trabalhar na mesma área novamente)
8. Para finalizar o bloco de perguntas, o que é ser jovem?

Dados do entrevistado:

- Nome;
- Idade;
- Gênero;
- Autodeclaração racial;
- Área de atuação atual;
- Sugestão de nome para identificação no estudo.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, “Tempo Livre, Educação e Trabalho: Olhares dos Jovens Aprendizes do Entorno do Distrito Federal”, de responsabilidade de Geovana Medeiros Silva, matrícula 190028599, graduanda de pedagogia na Universidade de Brasília.

Temos como objetivo dessa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, a análise e compreensão de como o tempo livre, educação e trabalho dialogam no cotidiano dos jovens aprendizes do entorno do Distrito Federal. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Concordando, você participará como voluntário/a de uma entrevista semiestruturada, ponto crucial na pesquisa. A coleta de dados contará com um roteiro de perguntas construído a partir de questões que norteiam a pesquisa. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento.

A pesquisadora assegura que serão garantidos o sigilo e a confidencialidade de todas as informações e dados pessoais fornecidos para o estudo. Esta pesquisa poderá ser publicada posteriormente.

Declaro para devidos fins que fui devidamente esclarecido acerca dos procedimentos e objetivos da pesquisa. Ademais, concordo em participar voluntariamente do estudo como entrevistada/o.

Graduanda: Geovana Medeiros Silva | geovana-medeiros.gm@aluno.unb.br

Orientadora: Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva | caetana.silva@unb.br

APÊNDICE C – Formulário e qualificação

1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso– TCC, "Tempo Livre, Educação e Trabalho: Olhares dos Jovens Aprendizes do Entorno do Distrito Federal", de responsabilidade de Geovana Medeiros Silva, Matrícula 190028599, graduanda de pedagogia na Universidade de Brasília.

Concordando, você participará como voluntário/a de uma entrevista semiestruturada, ponto crucial na pesquisa. A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada, na qual segue um roteiro de perguntas, construído a partir de questões que norteiam a pesquisa.

Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento.

Declaro para devidos fins que serão garantidos o sigilo e a confidencialidade de todas as informações e dados pessoais fornecidas para o estudo. Este estudo poderá ser publicado posteriormente.

Ademais, concordo em participar voluntariamente do estudo como entrevistada/o.

Graduanda: Geovana Medeiros Silva | geovana-medeiros.gm@aluno.unb.br

Orientadora: Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva | caetana.silva@unb.br

Concordo

Discordo

2

Email

3

Nome Completo


4

RG e/ou CPF

O valor deve ser um número

5

Data de nascimento



6

Telefone para contato

O valor deve ser um número